

Arthur Enéas Vieira

* 06.03.1911

+ 09.12.2003

Palavras a meu Pai

Durante minha vida inteira tu me contaste histórias e mais histórias, experiências, exemplos de vida; me preparavas para tua partida. E, agora que te foste, tuas palavras me acompanharão, e serão sempre uma referência para mim. Desde minha infância, foste meu porto seguro. Estavas presente nos meus sofrimentos e incertezas da vida. Tu não tinhas meias palavras: eras sempre diretas e objetivas, ainda que a verdade fosse incômoda ou dolorosa, porque, dizias, ela sempre precisava ser dita.

Foste um homem que não conhecia o desânimo ou o medo, disposto a lutar com muita coragem contra a adversidade e a injustiça, mas sem receio de mudar o rumo ou o caminho, se fosse o caso de variar a rota escolhida. Inteligente (eu gostaria de dizer: brilhante) e lúcido, analisavas os problemas e, com teu discernimento e tenacidade, lutavas até atingir o que querias. Impressionava-me a tua coragem, traço do teu caráter que, creio, trago comigo. Nas dificuldades, evoco a tua imagem e me digo: se fosse o meu Pai, ele não desistiria.

Menino pobre, chegaste da Paraíba a Fortaleza. Tiveste logo que vencer o primeiro empecilho: precisavas matricular-te no Colégio Castelo e o teu registro de nascimento se perdera na mudança. Acompanhado de teu pai e de teu mestre, foste ao cartório, onde te perguntaram como te querias chamar. Sem titubear, respondeste: "Arthur Enéas Vieira". Tinhas apenas doze anos. Muito depois, constataste que sendo tua mãe Maria Vieira Arcoverde da Nóbrega e teu pai Antônio Enéas Neiva de Figueiredo, tu te deverias chamar Arthur Enéas Nóbrega de Figueiredo e assim conservar os sobrenomes de ambos.

Tuas lutas foram muitas. Entre elas, superar a doença que te afastou dos estudos, no quinto ano do curso de medicina na Faculdade Federal da Bahia; vencer como médico, jovem e recém-formado que eras, o que conseguiste, muitas vezes me contaste, salvando vidas de pacientes – sobretudo tuberculosos – que não logravam atendimento com os expoentes da época. Falavas do primeiro pneumotórax que fizeste em doente particular. A expectativa era grande, porque a doença já estava avançada. A paciente foi curada, e, na pequena Fortaleza de então, tornou-se uma grande propagandista da tua competência.

Havia, ainda, outras histórias da tua escalada, como a da compra do primeiro aparelho de Raios-X; a da criação da Faculdade de Medicina, quando tiveste de sacrificar tuas poucas horas de lazer, roubando-as de tua família, para conduzir a cadeira de Clínica Propedêutica Médica, que exerceste por tantos anos, ao mesmo tempo em que dirigias o serviço de radiologia da Faculdade de Medicina.

Lembro-me, também, que um traço do teu caráter estava no teu perfeccionismo profissional. Para manter-se ao corrente da radiologia, importavas sempre os livros mais modernos, em francês e inglês, idiomas em que lias fluentemente. Assinavas as mais importantes revistas internacionais da tua especialidade, renovavas religiosamente as assinaturas. Tinhas orgulho disso. Já afastado do trabalho, com mais de oitenta anos de idade, ainda recebias teus periódicos e os lias, com o cuidado do eterno estudante, grifando aquelas passagens mais significativas. Evoco com carinho esse teu esforço em manter-se qualificado para o teu ministério na Medicina, dando aos teus pacientes o melhor de ti, fossem eles da clínica particular ou os indigentes da Faculdade de Medicina. Por mais grave que fosse o caso e mais sombrio o prognóstico, não desistias nunca de um paciente, desdobrando-te, mais ainda, na tua dedicação.

Este era o Médico que foi meu Pai.

Dra. Tereza Maslowa Vieira Bezerra de Menezes

